

Os Invisíveis

*Wellington Amancio da Silva**

Graduado em Pedagogia. Mestre em Ecologia Humana pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana no Campus VIII (PPGEcoH/UNEB). Especialista em Filosofia (UCAM). Professor cargo Função Especial, 11ª GERE (11ª Coordenação Regional de Educação).

 <http://orcid.org/0000-0002-8226-7491>

Recebido em: 11 mai. 2021. **Aprovado** em: 18 nov. 2021.

Como citar esta produção artística:

DA SILVA, Wellington Amancio. Os Invisíveis. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 287-295, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8367537>

Ao Professor Dr. Cleber Baleeiro

No centro do povoado, em torno da praça e da igreja, as casinhas estavam coladas, parede a parede, até às margens do rio, ou dispersas, ali e adiante, descansavam quase à sombra, entre as copas frondosas de árvores muito crescidas em idade, na planície longa que se estendia até às serras da Tiboca.

Morava acolá Jasão de Amauri, professor. Era um homem de histórias várias. Cresceu e vivei toda uma vida por ali, entre as gentes. Mulato de Salvador, fora “adotado pelos padres” — como costumavam dizer. Na década de 30 Jasão “ainda era muito menino”, mas lembrava-se de tudinho do que viveu; guardava a sete chaves o que viu e ouviu. Debaixo de informações veladas e imprecisas, sabemos mais ou menos que sua mãe, negra solteira e muito formosa, descendente de escravizados, teve um “caso inoportuno” com o Barão de Florata, assim fazendo “anuviar um casamento tradicional”, escandalizando à época toda a cidade — o que tristemente ocasionou a morte precoce da esposa do Barão¹, a Dona Maria Inês Florata, mulher, segundo disseram, estéril.

*

 wellington.silva@cedu.ufal.br

¹ O Barão de Florata “casou-se de novo” como Dona Ana Inês, irmã mais nova da falecida Dona Maria.

Nascido o filho legítimo e primogênito, sua mãe sumiu, e até hoje é obscuro o paradeiro e suas motivações.

Jasão tornara-se respeitado por sua inteligência. A troco de moeda, cresceu lendo as cartas de toda a gente, que em São Paulo e em outras bandas tinha parentes, filhos, esposos trabalhando, parentes e aderentes. Os padres gostavam de elogiá-lo dizendo que era “um mulato diferente, onde o sangue de europeu predominara, e não a coloração...” — eu mesmo não criava nisto, porque o cabra era leitor de um tudo nesse mundo. “Era um ser humano responsável” (pelo menos segundo o que diziam) vestido numa pele cor de tamarindo”. Ora, ele por diversas vezes nos confidenciou que quanto jovem fora posto na escola de padres, e servia de coroinha, todavia, “contra a sua vontade mais íntima”. Mesmo com tal má vontade, se destacou muito cedo na escrita, na leitura e nos cálculos, demonstrando “grande agilidade de pensamento”. Ele nos disse que só começou a aborrecer no seminário a partir do dia em que pôs as mãos nos livros de Aristóteles; depois, se tornou insuportável quando em 1948 descobriu “*Crítica da Razão Pura*” — só vivia falando coisas complexas, ininteligíveis, frases de faltar fôlego, devido aos longos períodos. De qualquer forma, somente no final da década de 60, por “misericórdia do saudoso Monsenhor Cosmo Kairosinho”, concluiu a cátedra de Filosofia e, como ele mesmo me disse: “Fui devolvido ao mundo...”; “De graça? Não bebi canja de mais ninguém”, após, tornara-se professor na escolinha pública.

O professor Jasão morava sozinho, num cubículo ornado de cadeiras e de mesa; havia ainda um fogãozinho a gás, uma cama de solteiro e muitos livros em duas estantes velhas e derreadas. Tinha fixação pelo silêncio e pela solidão. Escrevia nos três turnos, nos intervalos das aulas, mas era pelas madrugadas que lhe sucedia a inspiração. “Não sou feliz nem triste; sou um pensador mulato...” — dizia. Frutos das vigílias de leitura e escrita, encontravam-se num velho baú, aos pés da cama, uns cadernos azuis, grossos, numerados em números romanos, e ainda, meia dúzia de pequenos cadernos vermelhos, intitulados “Poesia” e organizados em números com um zero à esquerda. Os cadernos azuis consistiam de uma enciclopédia manuscrita, de filosofia da linguagem, organizada em pequenos verbetes; tratava-se ali também de estudos da sintaxe, da semântica e da pragmática. Um professor do primário visitava-o esporadicamente, em busca de aconselhamentos (de rango e de vinho); com as mãos para trás, este num gesto de referência, deleitava-se ouvindo suas histórias; costumava também observar, lombada por lombada, os títulos dos livros que o anfitrião possuía nas duas estantes. Jasão se mantinha em silêncio, suspeitando,

observando cada gesto seu, porque tinha pavor de ladrões de livros. Mas, à primeira pergunta do visitante, Jasão respondia solenemente: “*As dores do espírito rapidamente são esquecidas quando alguns seres humanos sentem as dores da fome e da carência em geral*”. Ou uma reflexão ainda mais abstrata: “*O amor é melhor cultivado na fartura; se há falta de qualquer coisa esta consumirá o amor...*”, ou ainda: “*Já o excesso de uma boa vida corrompe o espírito, deifica-se o próprio homem, que por apego demais a si mesmo quer tocar fogo no mundo, apenas para comprovar que somente ele não morrerá queimado*”. E, qualquer pessoa que chegasse à sua porta, por menor que fossem a motivação e o nível de compreensão da realidade, o professor Jasão se sentia logo na obrigação de aconselhá-la aos bons preceitos.

Entre seus livros favoritos, havia um exemplar marrom, capa dura, “*Angústia*” de Graciliano Ramos, da Martins Editora S.A. “...décima segunda edição, prefácio de Otto Maria Carpeaux” — dizia baixinho — “A melhor obra de ficção já escrita no Brasil...”. Jasão havia sublinhado todas as partes em que Luís da Silva aparecia no texto. “Graciliano é o demo... Luís da Silva é tudo o que um filósofo solitário desejaria ser, mas não seria capaz de ser. Eis a questão...” — sussurrava — “Ter a criatura amada, da sua afeição, e por causa desta, padecer”. Ou ainda: “A vida de Luís da Silva é puramente uma *gigantomachia peri tes ousias...*”. Pensava no personagem de Graciliano, ao qual invejava o fluxo do acaso e do trágico; queria nele espelhar-se para viver, porque sua vida (aqui para nós) era meio tediosa... Ao longo dos muitos momentos em que estivesse sozinho, e ainda quando não lhe impunha uma vontade de escrever (e por causa disso, pairava numa espécie de vazio existencial) era acometido pelo mal de Luís da Silva: *advinha-lhe um estado levemente febril, devido à intensidade das emoções confusas que atravessavam seus pensamentos, e ele pensava: “Devo resistir. Que me falte caneta e papel! Que meus dedos estremeçam! Que minha língua emudeça! Ainda assim é preciso manter um grau favorável de pensamento, o exercício de observar as dores das criaturas, e as próprias dores. Não anotei nada do que penso até agora...”*.²

Em 1968, instalou-se ali uma hidrelétrica e o conseqüente represamento das águas do rio São Francisco. O povoado de Inhambu foi lentamente engolido pelas águas. Antes, a pequena população fora trasladada para Nova Inhambu (Jasão mudou-se para uma bela casinha, juntamente com seus livros). Nos primeiros dias, talvez durante as duas primeiras semanas, no início das madrugadas, víamos que as pessoas, sobretudo idosos, saíam das suas casas em silêncio, sentavam-se em cadeiras, em tamboretas, nos troncos de paus, na calçada, debaixo de

² Este trecho eu mesmo coleí do seu caderno.

suas varandas para observar, com estranhamento, às feições da nova cidadezinha e a paisagem distante; aliás, a paisagem era bem conhecida de memória, porém, diferia muito por causa daquele ponto novo de observação onde todos nós estávamos. O mundo é sem contraste — olhe e veja. Predomina o cinza, o azul parco e o branco morno no horizonte aperto e silencioso.

Era verão, fazia calor, os homens estavam com o peito de fora e as mulheres se abanavam; no fundo no fundo, sentia-se frio. Mecanicamente olhavam para um lado e para o outro, em intervalos de minutos, buscando em silêncio uma imagem familiar nos ângulos inéditos da Nova Inhambu. A cidadezinha era limpa e bela, todinha calçada de paralelepípedos; possuía uma praça moderna com postes fluorescentes, porém com árvores baixas e a crescer; ao lado, a prefeitura nova, a igreja nova e a rua principal com seus salõezinhos mercantis devidamente reservados — segundo complexas normas de apadrinhamento —, a cada um dos nossos amigos comerciantes. Ocupados demais com as perscrutações dos dias novos, porém sensabores, as pessoas não conseguiam ainda descrever aquele estranhamento, mas suspeitavam de qualquer senso de felicidade. Faltando palavras, alguns daqueles sussurravam um cantochão, um verso, mas sem efeito interior, cantavam por cantar; na verdade, cresceram entendendo a cantiga não somente por colocar a música dentro de si; cantar aglutinava o mundo inteiro ao seu redor; cantar, num lugar bom e de nascença, traz este mesmo lugar, junto com os sons, para dentro de si, e era evocada a complexa memória sonora da terra natal, dos recantos que os olhos novos de criança aprendem a fotografar todos os dias; mas, os velhos cantochões outrora entoados no povoado velho já não soavam os mesmos em Nova Inhambu; a memória dos entes do passado não se encaixava nos ângulos retos e duros do novo lugar, porque há uma cantiga íntima a ser entoada sob certas condições e em lugares determinados: é a cantiga que o lugar entoou primeiro dentro dos nossos ouvidos, e que cantamos próximo ao velho fogão de tijolos, diante da fuligem da parede; ao pé da cama, antes de rezar; debaixo de uma árvore rica de sombra e num piquenique; à janela ao início das chuvas de junho, ou quando alguém que amamos vai-se embora, porque não se desfazem os sons do seu tempo e do seu espaço e dos acontecimentos — esse negócio de sons é uma coisa que habita debaixo da pele, por isso Jasão nem ligava o rádio. E aquela gente toda sem mais saber decerto cantar, adotou um silêncio reverente à coisa alguma... na verdade, temia-se muito o tempo que vinha. E essa sensação foi-se acumulando nos interstícios mais emudecidos do espírito de cada um, principalmente dos idosos, até o ponto de irem morrendo estes, a cada dia ou semana.

No começo da mudança, entre os jovens, a opinião era quase unânime ao afirmar-se as qualidades superiores da Nova Inhambu, em relação ao velho povoado, porque havia a quadra, as lojas, as lanchonetes, a bela praça e a arquitetura que parecia com as ruas da capital. Um episódio intrigante chamou nossa atenção: persistia entre muitos deles sonhar sempre uns sonhos habitados no velho povoado, em suas ruazinhas, dentro de suas casas baixas, nos cômodos dos antigos lares outrora habitados, reproduzidos fielmente dentro do sonho, assim como estavam, nos tempos passados: a sala pequena com duas ou três cadeiras e alguns banquinhos — em oposição à janela pequena, ao lado da porta; um rádio sobre a mesa de mogno; o telhado vermelho que permitia, pela fresta larga, a entrada da luz e suas réstias; a parede de acabamento sinuoso, pintada à cal, onde constavam os nomes de alguns, riscados a carvão; o fogão de pedra e seu rastro vertical de fuligem negra na parede branca; uma pequena toca de vespa ceramista, feita de argila acinzentada, num canto alto da parede; o quintal de chão batido onde galinhas, passarinhos e perus concorriam às migalhas de pão; o cheiro bom da caatinga trazido pelo vento da aurora e pela chuva da madrugada — tudo isso habitava e compunha seus sonhos mais preciosos.

Como disse, diante de certo estranhamento em relação à cidade planejada, percebemos rapidamente o pior (e isto não é coisa de gente melindrosa, não!): os moradores mais emotivos e mais antigos foram-se tornando gente transparente... isto mesmo! a pele, os olhos, os cabelos, sobretudo as mãos, tornaram-se diáfnas, de uma hora para outra, como as águas do próprio rio; as mãos lentamente desapareciam, os olhos também, o semblante tornava-se rarefeito, mas as lembranças de Inhambu acentuavam-se a cada dia. As memórias do antigo povoado eram quase tangíveis, contígua para a alma e para as mãos, e quanto mais essas memórias se tornavam densas e angustiantes, por sua distância no tempo, mais aquelas pessoas sumiam às vistas de todos; ouvia-se apenas vozes, seus sussurros, lamentações e prantos — decerto, o povoado antigo, engolido pelo rio, tinha a mesma cara dos nossos conterrâneos transparentes. O velho Sid Lino, o curandeiro sabido, nos dizia que o “fenômeno” do “sumiço” era *o jeito daquela gente voltar a habitar o velho povoado*. Seu Sid Lino justamente afirmava que os nascidos em Inhambu estavam condenados a tornarem-se como as ruas submersas. Por sua vez, Jasão inventava mil formas de descrever esta teoria, com a anuência de todos os que o visitavam.

O ancião Valêncio, 97 anos, feitor de conhaque bom, à beira da morte proclamou: “De repente eu me sentia avivado, e sabia que o mundo era mundo quando eu lembrava do sininho da igreja, da feira movimentada, dos botecos e das gargalhadas do povo nos sábados, nas festas

no arraial; me sentia bem e verdadeiro, quando lembrava das procissões e do padre Mário, da Lua cheia por entre as serras de Atinal, da caatinga fechada no final da rua Luama, do som grosso e abafado, ininterrupto, da cachoeira e dos ribeiros”. Doma Júlia nos disse: “Fui nascida e criada em Inhambu. Como se pode se acostumar aqui? A cidade nova é boa, mas não é como a de antigamente... Olhe, pode ver: minha casinha lá tá inundada e eu hoje também vivo inundada. Não tem um dia que eu não acorde mal... tudo por aqui é novo, lustrado e bem rebocado, mas não é como a de antigamente”. O padre Mário nos confidenciou também: “Não me acostumo de celebrar missa nesta igreja nova e grande... ora, foram dez anos de povoado...”. Sinhá Morena uma vez chorando lamentou: “Minha mãe e meu pai foram enterrados lá...”. O próprio Seu Oliveira murmurou certa vez, debaixo do teto alto e novo da sua sala equipada: “Eu preferia estar morando na minha casinha, juro por Deus! lá bem na beira do rio, comendo um peixinho assado com cachaça... Que *febidurrato* essa cidade tem que ninguém se acostuma com ela? Por acaso enterraram aqui debaixo um cururu *dosinferno*?”. Mas esses relatos rareavam-se conforme essas pessoas partiam. Depois, ouve certo silêncio

Aos adultos tornou-se difícil falar, quando lhes suscitava a vontade de pensar a mudança, da “injustiça” da represa... Principalmente entre os idosos, havia um insistente nó na garganta; eram tomados pela mudez emocional (ou pela “surdez” interessada dos interlocutores da capital...). Calar? Não podiam. Sabiam disto! E “era pecaminoso demais o silêncio” — como diziam —, porque também a cidade nova era emudecida. A cidade calada pareceu-nos contaminar a todos com seu mutismo. E, sem árvores de bom tamanho, nem passarinho chilreava. Às pessoas calar não podiam. Mas parece que havia uma espécie de cola entre os lábios, que somente dava folga nas horas de comer e beber. Diante desta limitação, alguns se entendiam com podiam, às vezes confundiam-se em gestos, balbuciavam monossílabos, esboçavam frases, em vão, porque a tristeza era a mesma para todos. No caso de Jasão, ele nunca fora de muita conversa, portanto, já que mal saída de casa, na cidade nova quase não viu diferença ao habitar, além de uma tristeza difusa, impregnada na paisagem nova, nas ruas, impregnada no tempo e nos interstícios da sua casa nova, como se houvesse dentro uma mancha quase apagada, porém, carregada.

Eu penso que havia ali, também, certo regime de surdez, mesmo que inconstante e às vezes aparente, porque as pessoas chamavam fulano pelo nome, umas duas ou três vezes e boa voz, e ele não respondia. Para alguns, sob a condição apaixonada das lembranças do povoado, conseguia-se articular certas palavras, não outras, porque havia palavras exatas para aludir ao

povoado velho, e, quando a memória do lugar era dorida demais não se ouvia nem os monossílabos dos bichos. Estranhamente algumas idosas senhoras geralmente soluçavam com o dedo nos ouvidos; reuniam-se para tentar contar histórias em gestos de mãos e braços, e em seguida e sob grande esforço, conseguiam pronunciar o nome do povoado velho, das ruas, das festas, das missas, das colheitas, da igreja, dos saudosos. Elas soluçavam, eram as mais fortes, porque não escondiam o remorso, como faziam os homens. Mas as crianças e os loucos choravam a qualquer tempo.

No começo de setembro, esse mal era conhecido de todos nas cidades vizinhas. Havia estado no noticiário, escreveriam cordéis a respeito, virou toada de feira e motivador de tristeza às carpideiras, quando atuavam nos velórios. O prefeito, sempre ausente e ocupado, soube do fato na capital, onde praticamente residia; se demorou a visitar o povoado sob sua jurisdição. Certo dia, após um eclipse a fé do povo foi posta em ação, e tudo se reverteu para melhor, eu acho. Nos últimos dias, após tal evento, a população descobriu, por fim, que bastava evocar fortemente as memórias de Inhambu velha para “a língua se soltar da boca e falar”. Decerto, o momento era oportuno para reivindicações. Jasão era indiferente a tudo aquilo, porque naquele momento estava muito dedicado à leitura das “Institutas” de Calvino.

Descobriu-se, acho que no final dezembro, que verdadeiramente nenhum dos habitantes da Nova Inhambu estava mudo ou invisível de fato, pelo menos entre eles mesmos testificavam. “Foi um mal, como um vento ruim passageiro, uma ilusão.” — afirmou um morador. “Entramos aqui em silêncio e ninguém nos viu chegar.... claro... a cidade não tinha antes ninguém...” — especulava um outro morador. “Nos acostumamos com as novidades natimortas desta cidade muda.” — retrucava alguém mais falante. “Aquietemo-nos todos!” — insistia o delegado; “Tenhamos paz...”. dizia o padre. “*Febidurrato* de cidade ruim da *gotasserena*, rapaz!” — bradava Seu Oliveira. O prefeito mandava informar da capital que o povo reclama demais e injustamente, que o mal era estar de bucho cheio demais, que na cidade nova jamais se permitirá abertura de puteiros, porque foi consagrada ao Padrinho Padre Cícero.

Era já fevereiro. Pelo rio subiram embarcações trazendo gente importante da capital. Trazia gente ligada à alta administração, ao exército, à política e à religião. Um barco chamado “Nadeje” passou rente à torre da igreja submersa, e eu vi uns *flashes* de máquinas fotográficas. Também a maioria da população viu passar a comitiva, porque Nova Inhambu está logo acima da beira do rio que engoliu o povoado velho.

Getúlio Boleiro iluminou-se todo naquele dia, ao contemplar a comitiva. Era proprietário da Padaria Rio Saudoso — conhecido também como “o homem do pão”, um tipo de liderança local, daquela que se institui naturalmente, sem apelações; um homem que “tinha percepção”, que “sabia das coisas” — diziam. Ora, quem sabe se devido a algumas noites insones ocorreu a Getúlio de meditar sobre um assunto, encontrando o fio da meada, e com sorte, até uma possibilidade de resolução para o sofrimento dos habitantes (porque, no fundo, seu Getúlio tinha planos às eleições municipais). Foi o primeiro a se lembrar do professor Jasão, “o estranho dos livros”, e não demorou a dirigir-se à sua casa, no intuito de discutir acerca dos últimos acontecimentos. Era uma tarde nublada com grandes nuvens cinzas e altas, onde ao longe as serras adquiriam uma tonalidade alva sobre um azul turquesa, quando da visitação, seu Getúlio Boleiro discorreu longamente, explicando a conjuntura. Disse o que pensava, e na verdade tecia uma espécie de apelo. De pé à porta, movimentando muito os braços, concluiu: “Dr. Jasão, visto o problema que lhe expus, nos ajude, por tudo que é sagrado! O senhor é um homem de letras, de livros, e de tudo, e sabe falar e convencer. É um representante nato. Neste caso, é preciso um homem de postura e de presença, um homem que imponha alguma autoridade e representação. O senhor pode falar melhor por nós, junto aos ilustres do Município e da Capital, no intuito de convencê-los a deixar o rio correr novamente, abrindo as comportas da hidrelétrica por uns dias, e baixando as águas poderemos retornar às nossas casas mais uma vez, por dois ou três dias, no intuito de matar a saudade, procurar umas coisas deixadas... você entende... Parece um absurdo, não é? Mas é possível, se considerarmos o sofrimento de toda a população, e se o senhor puder, e eu sei que pode, traduzir em palavras a nossa peleja neste lugar... para convencê-los... aumentando os fatos com belas e longas frases, contidas de termos floridos, palavras solenes, numa entonação mais austera... Que me diz?”.

Ainda à porta, Getúlio Boleiro aguardava alguma resposta. Jasão o ouviu em silêncio, pensativo e cabisbaixo, coçando a barba (e, se o outro não o perguntasse mais alguma coisa esporádica, nada teria dito, nem um “fique mais um pouco...”, “tome mais um café...”, ou “tenha um bom dia...”). E quando Jasão o respondeu (porque Getúlio interrompera leitura importante) — isso ocorreu mais como final de conversa do que justificativa. O padeiro ouviu longa frase de Jasão. “Uma resposta cheia de ‘verrugas de medo e arrogância’” — segundo nos disse depois. Aqui, transcrevo mais ou menos seu desfecho, conforme a lembrança de todos, porque segundo soube, houve um breve silêncio, no final da conversa, e ainda Getúlio, um homem de memória

boa, se esforçou a guardar a cena em detalhes: Jasão dirigiu os olhos às lombadas dos livros, ao baú de vime, as próprias mãos que naquele instante se comprimiam em movimentos lentos, porem repetitivos. E por fim, retrucou: “Mas Seu Getúlio, haverá com o tempo de nos acostumarmos a esta cidade, a nossa Nova Inhambu. Geração nova é nascida aqui; o antigo sempre passa. Acabar-se-á o nosso estranhamento, quando formos todos, nós que estranhamos... Esqueçamos, por favor, a Inhambu velha! Sinceramente não tenho a intenção de sair de casa a tentar convencer aquela gente da capital. Me acostumei com os dias pequenos, que passam lentos, sem novidades; não gosto de sérios compromissos, e este que me apresenta é missão impossível... Confesso ao senhor que pouco aprendi a agir e a tomar partido... E se eu disser ao senhor que para mim estar em cima do muro³ é ter paz?! Tenho medo do público e de autoridades, porque desconheço seu *modi operandi*. A escola e os livros me amorteceram o sangue... tudo o que aprendi foi em tese; nunca ao vivo e em cores. Meu trabalho é apenas teórico. Mas, se o senhor insiste, no máximo posso redigir uma carta, e o senhor mesmo que a entregue em mãos de quem quiser...”.

Depois dos últimos acontecimentos, uma notícia boa virou-se em expectativa dentro de nós, mudando a tristeza em promessa; nos dias que se seguiram, a tal novidade era o tema constantes das conversas de todos. Os irmãos Manary enfim inauguraram o Cine Inhambu, onde assistimos todos “Amor, Sublime Amor”, de Jerome Robbins e Robert Wise, e “A Noviça Rebelde”, num sábado festivo e iluminado. Em seguida, as pessoas iam se tornando felizes, de leve e aos poucos, igualzinho aos filmes em cinemascope.

³ Descobrimos depois a seguinte frase, num dos seus caderninhos de memória: “As decisões todas que tomei na vida, eu juro que pensei por meses, e a melhor opção era a única solução que existia, e depois de aplicá-la somente anos depois eu percebi que estava errada. Não me perdoei por isto, mas tive alguma paz ao descobrir que certos pensamentos têm dia e lugar.”.